

RESILIÊNCIA DE LONTRA LONGICAUDIS (OLFERS 1818) CARNIVORA-MUSTELIDAE EM AGROECOSSISTEMA CONVENCIONAL DO SUDESTE BRASILEIRO.

II Congresso Internacional de Ecologia Online, 1^a edição, de 18/01/2021 a 20/01/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-52-5

FABER-LOPES; Lênim ¹, THOMÉ; Marcos Paulo Machado ², SILVA; Igor Basilio ³

RESUMO

A ocupação e uso da terra pelas populações humanas no Sudeste do Brasil tornou a região uma das mais degradadas do país refletindo em seus corpos hídricos, onde os principais responsáveis foram o desmatamento, agricultura e criação de gado de maneira convencional. Estes fatores levaram à uma redução drástica do volume e qualidade da água nos ambientes que circundam levando à perdas na biodiversidade dos ecossistemas aquáticos no Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, nos quais a *Lontra longicaudis* ocupa o topo da cadeia trófica. Para estas interações, buscou-se analisar a assembleia de presas desta espécie em córrego que se tornou intermitente devido à intensa atividade pastoril, correlacionando às alterações antrópicas (fazendas e rodovia RJ-186/BR-484). Para isto foram realizadas buscas ativas e instalação de câmeras trap no córrego e açudes do entorno, e por conseguinte, coletas mensais de fezes do mustelídeo durante dois anos em parcela de 1km do córrego, triadas em laboratório, qualificadas em 9 grupos de presas e quantificadas. Na análise dos dados procurou-se correlacionar a escolha das presas às estações do ano, objetivando averiguar tendências estacionais no consumo de grupos específicos. Os itens alimentares foram calculados utilizando a Frequência de Ocorrência Relativa, verificando a presença de determinado grupo nas fezes coletadas expressos em porcentagem. Fora aplicado o teste Shapiro-Wilki onde as variáveis apresentaram distribuição não paramétrica, possibilitando a aplicação do teste Kruskal-Wallis para correlacionar grupos predados e estações, permitindo afirmar com 95% de certeza que não houve diferença estatística significativa entre as variáveis. Todavia, analisando os gráficos verifica-se que durante os dois anos não ocorreu predação de crustáceos no inverno; a maior predação de insetos ocorreu na primavera e o maior consumo de peixes ocorreu no inverno (provavelmente devido ao aprisionamento de peixes nos poços do córrego intermitente). Além disto, calculou-se a frequência de ocorrência relativa dos grupos predados em cada ano amostrado e uma média total entre os dois anos. Estes, possibilitaram constatar um padrão muito similar na proporção dos cinco grupos mais predados ao longo do período amostral, indicando estabilidade na disponibilidade e consumo anual de presas. Isto forneceu resultados concisos sobre distúrbios na ecologia trófica da lontra na localidade, principalmente a média anual da assembleia de presas constituída de 58% de grupos considerados alternativos (anfíbios 21,97%, insetos 20,98%, répteis 12,61%, aves 0,68%, mamíferos 0,68%, moluscos 0,67% e miriápodos 0,32%) aos peixes (35,28%) e crustáceos (6,78%), que sabidamente compõem sua dieta principal em ambientes equilibrados. Nas temporadas de seca, registrou-se o maior afastamento das lontras do córrego, procurando presas nas fazendas (marrecos e peixes de açude) resultando no atropelamento de um casal. Apesar desta microbacia ser classificada como área prioritária para a conservação (SEA-RJ), não observa-se implementações de proteção e recuperação das APP's, como o cercamento das zonas ripárias para proteger as margens do pisoteio do gado. Peremptoriamente este estudo confirma a insustentabilidade do córrego Bom Jardim em suprir a espécie satisfatoriamente com suas principais presas naturais anualmente, trazendo sérios riscos à perpetuidade da população de *Lontra longicaudis* nesta região.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia trófica, Escassez hídrica, Zonas ripárias, Predador topo,

¹ Centro Universitário Redentor, lopes_bio@yahoo.com

² Centro Universitário Redentor, thomemarcos@gmail.com

³ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ibasilio.unirio@gmail.com

